

Grounded Theory e Ciência da Religião em um potencial uso metodológico

Grounded Theory and Religion Studies in a potential methodological use

*Nestor Figueiredo*¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar a Grounded Theory (GT) enquanto método geral de análise comparativa para a Ciência da Religião (CR), bem como sugerir uma posterior apropriação a partir da convergência que há entre algumas características da disciplina e do método. Iniciamos com uma perspectiva histórico-descritiva da GT na pesquisa qualitativa. Depois, apresentamos os conceitos-chave da GT e sua interação com estudos de religião. A terceira e última seção traz a discussão em torno dos pontos de aproximação e os desafios decorrentes desta interface. Nas considerações finais, resgatamos alguns aspectos deste percurso para destacar uma eventual GT enquanto *método axial* na CR a partir de *metadados*.

PALAVRAS-CHAVE

Teoria Fundamentada. Ciência da Religião. Pesquisa Qualitativa. Metodologia. Metadados.

ABSTRACT

This article presents Grounded Theory (GT) as a general method of comparative analysis for the Science of Religion (SR). It recommends the use of this method, given its convergence with certain characteristics of the discipline. We begin with a historical overview of GT in qualitative

¹ Doutorando em Ciências das Religiões, Mestre em Letras, Cientista da Religião e Professor Licenciado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

research, followed by a brief discussion of GT's key concepts and their interaction with studies of religion. The final section discusses resonances and challenges arising from using the method in this disciplinary context. The conclusion offers a consideration of GT as an *axial method* for working with *metadata* in SR.

KEYWORDS

Grounded Theory. Science of Religion. Qualitative Research. Methodology. Metadata.

Introdução

A Ciência da Religião vem promovendo um longo debate em torno do uso de métodos na abordagem de seu objeto há vários anos, tendo nascido em meio à busca por distinção dentro de um contexto de estudos apologéticos predominantes.² Apesar de seus 150 anos de existência³, em certa medida, é considerada pré-paradigmática pelo menos em relação à sua aplicação, apresentando-se de uma forma ampla ainda em construção, o que em termos *khunianos*, significaria não gozar “plenamente do seu *status de ciência normal* na comunidade científica estabelecida e na sociedade em geral”.⁴ Por outro lado, com o “banimento” da fenomenologia enquanto método preferencial, temos observado propostas que

² Para este contexto, ver MÜLLER, F. M. *Introduction to the Science of Religion: four lectures*. Delivered at the Royal Institution in February and March 1870. London, Spottiswoode & Co, 1870.

³ Sobre o período formativo da disciplina, ver SHARPE, E. J. *Comparative religion: A history*. 2.ed. London: Duckworth, 1986 [1975]; KITAGAWA; J. M.; STRONG, J. S. Friedrich Max Müller and the Comparative Study of Religion. In: SMART, Ninian et al. *Nineteenth century religious thought in the West*. Vol. III. Cambridge: Cambridge University Press, 1985; USARSKI, Frank. O caminho da institucionalização da Ciência da Religião: reflexões sobre a fase formativa da disciplina. *Religião & Cultura*, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 11-28, 2003; WAARDENBURG, Jacques. *Classical approaches to the study of religion: aims, methods and theories of research*. Introduction and anthology. The Hague, Paris: Mouton & Co; 1973.

⁴ PASSOS, J. D; USASRKI, F. Introdução geral. In: _____ (Org.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo. Paulinas/Paulus. 2013, p. 24 (Ênfase original).

defendem antes uma integração a partir de múltiplas abordagens, ao invés de um monismo metodológico.⁵

Tal integração é a instância acadêmica mais recorrente hoje dentro da disciplina, nesse sentido. Portanto, falar de *uma* metodologia, senão própria, pelo menos mais adequada ou mais adaptada ao objeto religião, significa invariavelmente trazer para si um número igualmente plural de críticas. Contudo, numa obra em que discute de forma bastante reveladora as tensões entre Ciências Sociais e Ciências da Religião ao lidar com o objeto religião, o professor Marcelo Camurça, da UFJF, em tom questionador, chama esta tentativa de articulação de *vaga interdisciplinaridade*, ao mesmo tempo em que faz uma recorrente pergunta da área: que inspiração nos une para além disso?⁶ Assim, questionar e instaurar o debate deveria estar no topo da pauta acadêmica, pensando nosso objeto a partir das grandes questões da humanidade.

Retomar o *apetite* dos fundadores desta ciência e restabelecer o protagonismo experimentado no período formativo da disciplina, de certa forma, é o que sugere Wouter Hanegraaff: “eles viam o campo em termos muito mais amplos e consideravam que isso [religião] não seria menos do que *essencial* para qualquer entendimento adequado da história da cultura humana e da sociedade como tal”. Para este autor, de alguma forma, nossa área parece ter perdido o contato com esta ambição e agenda original, com a maioria se tornando “muito mais modesta do que deveria ser.”⁷ Ademais, uma ciência que não propõe, contentando-se apenas em descrever e apontar problemas alegadamente “insolúveis”, não deveria ostentar esse nome.

⁵ Sobre o tema da integração metodológica, ver PASSOS; USARSKI, 2013 e SILVEIRA, E. S. da; MORAES JR; M. R. de. *A dimensão teórica dos estudos da religião*. São Paulo: Fonte Editorial, 2017. Para uma crítica à Fenomenologia da Religião, ver USARSKI, F. Os Enganos sobre o Sagrado – Uma síntese da crítica ao ramo “Clássico” da Fenomenologia da Religião e seus conceitos-chave. *Rever*, n. 4, 2004, p. 73-95; ENGLER, S. Teoria da Religião Norte-americana: Alguns Debates Recentes. *Rever*, n. 4, 2004, p. 27-42; e GASBARRO, N. M. Fenomenologia da Religião. In: PASSOS; USARSKI, 2013, p. 75-99.

⁶ CARMURÇA, M. *Ciências Sociais e Ciências da Religião*. Polêmicas e interlocuções. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 17

⁷ HANEGRAAFF, W. J. Imagining the future study of religion and spirituality. *Religion*, v. 50, n. 1, 2019, p. 1-11 (Ênfase original). A partir deste ponto, todas as traduções de textos ainda inéditos em português são de nossa autoria.

A discussão metodológica e a baixa incidência teórica na Ciência da Religião não são novidades. Para nós brasileiros, um exemplo bastante recorrente aparece formulado de maneira programática e mais enfática, e ao mesmo tempo involuntariamente irônica, em 2013, no *Compêndio de Ciência da Religião*, uma vez que esta distinta obra, no tocante a metodologias e se comparado a outros temas na mesma edição, se restringe a uma tradução adaptada sobre o assunto, dos autores Michael Stausberg e Steven Engler.⁸ No texto, o adjetivo *vergonhoso* é utilizado para sumarizar a situação teórica da Ciência da Religião naquele ano. De lá para cá, contudo, alguns autores responderam de forma propositiva a esta crítica, com publicações de artigos e obras nessa direção, que procuram sugerir, embora ainda com base em suas disciplinas de origem, caminhos para pensarmos religião enquanto um tema cientificamente válido.

Dentre as obras mais conhecidas, citamos *Teologia e Ciências da Religião: a caminho da maioria acadêmica no Brasil*⁹, com importantes contribuições sobre a relação anunciada já no título e *Religião, modernidade e pós-modernidade: interfaces, novos discursos e linguagens*¹⁰, que focaliza temas epistemológicos e hermenêuticos da área. Recentemente, mais duas obras surgiram nesta mesma direção, especialmente acerca do tópico *metodologias*. A primeira, uma coletânea de textos intitulada *História das religiões em perspectiva: desafios conceituais, diálogos interdisciplinares e questões metodológicas*¹¹, atualizando o tema aqui em foco; a segunda, a também coletânea intitulada *Como estudar as religiões: metodologias e estratégias*, cujo objetivo aparece expresso em sua contracapa como “o preenchimento de uma

⁸ STAUSBERG, M; ENGLER, S. Introduction. Research methods in the study of religion's. In: _____ (eds.). *The Routledge handbook of research methods in the study of religion*. London; New York: Routledge, 2011, p. 3-20.

⁹ CRUZ, E. R. da; MORI, G. de (Orgs.). *Teologia e Ciências da Religião: a caminho da maioria acadêmica no Brasil*. São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte, MG: Editora PUC Minas, 2011

¹⁰ QUEIROZ, J. J. et al (Org.). *Religião, modernidade e pós-modernidade*. Interfaces, novos discursos e linguagens. Aparecida; SP: Ideias & Letras, 2012

¹¹ SILVA, A. R. C. da; DI STEFANO, R. (org.). *História das religiões em perspectiva: desafios conceituais, diálogos interdisciplinares e questões metodológicas*. Curitiba: Editora Prismas, 2018.

lacuna na área de estudos da religião”, *dispersos* em “*muitos* manuais de *muitas* áreas diferentes”.¹²

Mas não é de hoje que o tema está em discussão no cenário nacional. A discussão de questões metateóricas no Brasil sobre o estatuto epistemológico e também metodológico da Ciência da Religião, em coletâneas de texto, livros nacionais ou traduções começou a ganhar corpo a partir do final da década de 1990 em diante, a exemplo da conhecida e utilizada obra de Giovanni Filoramo e Carlo Prandi, *As Ciências das Religiões* (tradução da edição italiana *Le scienze delle religioni*, 1987)¹³, ao lado de duas importantes coletâneas nacionais, *A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil*, afirmação de uma área acadêmica¹⁴ e *A essência manifesta*, a fenomenologia nos estudos interdisciplinares da religião¹⁵, que entre outros aspectos, trata das questões sobre autonomia e consolidação da disciplina no cenário nacional.

O debate metateórico em torno de métodos e da epistemologia da área continua. Nessa direção, uma alternativa que passamos a explorar e sugerir neste artigo é aproximá-la da *Grounded Theory* (doravante GT) ou na tradução mais usual, Teoria Fundamentada, um método largamente utilizado noutras áreas, mas que raramente se faz presente na Ciência da Religião (doravante CR). Talvez esta seja uma interface capaz de enfrentar algumas questões metodológicas da disciplina com certa vantagem, ainda que numa perspectiva provisória. Para seus criadores e continuadores, a GT é tanto um *método geral de análise comparativa* quanto uma *teoria resultante* de sua utilização.¹⁶ De modo que, em princípio, poderia fornecer à ciência que estuda o objeto religião um *paradigma axial* capaz de instrumentalizá-la para a proposição de teorias *substantivas*, de pequeno e médio porte, algo bem a propósito e adaptado às variadas

¹² SILVEIRA, E. S. da (org.). *Como estudar as religiões: metodologia e estratégias*. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes, 2018 (Grifo nosso).

¹³ FILORAMO, G; PRANDI, C. *As Ciências das Religiões*. 5. Ed. São Paulo: Paulus, 2010.

¹⁴ TEIXEIRA, F. (org.). *A(s) ciência(s) da religião no Brasil*. Afirmação de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2001.

¹⁵ DREHER, L. H. (org.). *A essência manifesta: a fenomenologia nos estudos interdisciplinares da religião*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2003.

¹⁶ GLASER, B; STRAUSS, A. *The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research*. Chicago: Aldine, 1967, p. viii, 1.

manifestações concretas (*religiões*) desse objeto (*religião*) na história da humanidade.

Uma solução que, de partida, evitaria a indigesta tarefa de fazer proposições teóricas a partir de uma polifonia metodológica, em que cada método específico, ao mesmo tempo em que afirma seu viés, esteja aberto às demais propostas.¹⁷ Assim, por meio da solidez dos processos que compõem a GT, como o da codificação e análise simultânea, estabelecimento de conceitos e categorias por meio da comparação constante, além do relato do próprio processo, da saturação de dados e de sua abordagem sistemática, poderíamos pensar na “descoberta” ou “geração” de teorias na área em foco assentado na sugestão de um *método axial*, isto é, capaz de *organizar e submeter* uma diversidade de dados, provenientes das assim chamadas disciplinas auxiliares (para alguns autores, subdisciplinas), muitas vezes em conflito e com suas próprias questões epistemológicas por resolver¹⁸, ao fluxo e rigor metodológico próprio da GT.

A ideia deste artigo, portanto, é apresentar a GT a partir desse entendimento como um método viável e, em princípio, bem adaptado ao objeto religião, embora pouco conhecido na área, apontando e discutindo algumas convergências, além de desafios naturais quando se trata de apropriação e desenvolvimento, embora não sendo este um caminho solitário, uma vez que áreas como Enfermagem, Administração, Psicologia, Ciências das Comunicações, Educação, entre outras, já vêm promovendo algo semelhante através de ajustes imprescindíveis para aplicação da GT na discussão teórica de seus respectivos objetos, tendo muito a nos oferecer nesse sentido.¹⁹ Contudo, o que intencionamos aqui é mais esboçar uma aproximação entre GT e CR, esperando

¹⁷ HIGUET, E. A. Posfácio. In: SILVEIRA; MORAES JR., 2017, p. 144.

¹⁸ CRUZ, E. R. Estatuto epistemológico da Ciência da Religião. In: PASSOS; USARSKI, 2013, p. 43.

¹⁹ Segundo M. Tarozzi, em seu *O que é Grounded Theory?* (Petrópolis; RJ: Vozes, 2011, p. 14), faz-se GT, sobretudo, no âmbito da enfermagem e sanitário em geral, mas também muito em psicologia (social e clínica), economia (marketing e gerenciamento) e educação, enquanto crescem informática, biblioteconomia, ergonomia, etc. No Brasil, já há uma relativa literatura produzida por algumas destas disciplinas, em português, com artigos e obras (traduções), TCC, teses e dissertações a partir do uso da GT, embora nem sempre seguindo rigorosamente suas diretrizes.

provocar uma reflexão em torno desta possibilidade de apropriação e uso do método pela disciplina, do que apresentar uma proposta propriamente dita.

Por isso, na primeira seção, especialmente para aqueles dentro da CR que não possuem qualquer informação sobre GT e sua dinâmica, vamos utilizar obras que estruturam a GT do ponto de vista histórico e de aplicação do método. Dessa visão geral, na sequência, passamos a abordar os termos desse método e da interação entre GT e estudos de religião a partir do artigo “Grounded Theory”, de Steven Engler, coincidentemente publicado na mesma obra onde o autor faz a crítica à escassez metodológica na Ciência da Religião.²⁰ Trata-se de um dos raros trabalhos em nossa área que considera esta interface. Por fim, apresentamos algumas convergências entre o método e a disciplina em foco, considerando ainda os desafios nessa direção e as possibilidades do ponto de vista prático advindas da apropriação de um pelo outro. Nas considerações finais, recuperamos o percurso estabelecido para destacar e sugerir eventuais ganhos nessa direção, como a ideia de uma GT enquanto *método axial* na CR a partir de *metadados*.

1. Pesquisa científica e *Grounded Theory* (GT) como método de análise de dados

Por pesquisa científica entende-se um conjunto de processos sistemáticos, críticos e empíricos aplicados no estudo de um fenômeno. Nessa direção, trata-se do uso de uma metodologia aplicada a um objeto de estudo com o fim de gerar conhecimento. No entanto, o tipo de conhecimento obtido dependerá do foco por meio do qual a pesquisa aborda determinado fenômeno: uma perspectiva quantitativa, qualitativa ou uma combinação das duas. Embora estes enfoques compartilhem estratégias gerais, cada um possui suas próprias características. Enquanto o primeiro utiliza a coleta de dados para testar hipóteses, baseando-se na medição numérica e na análise estatística para estabelecer padrões e comprovar teorias, o segundo enfoque coleta dados, sem medições

²⁰ ENGLER, S. Grounded Theory. In: STAUSBERG; ENGLER, 2011, p. 256-274.

numéricas, para descobrir ou aprimorar perguntas de pesquisa no processo de interpretação.²¹

Ainda que nenhum dos enfoques seja inerentemente melhor do que o outro, tratando-se apenas de abordagens diferentes para um determinado estudo, o que vai determinar os melhores benefícios é sua aplicação a objetos que, pela sua própria natureza, respondem melhor ao tipo de estudo realizado. Se por um lado a pesquisa quantitativa amplia os dados horizontalmente, estabelecendo padrões, por outro, a qualitativa seleciona um desses padrões para verticalizar, de forma não padronizada, significados geralmente obliterados pela visão macro do enfoque quantitativo. Isto quer dizer que um determinado objeto pode, se apenas estudado por um desses enfoques, mostrar-se somente naquilo que o enfoque consegue “iluminar”, seja numa ou noutra direção. De modo que, cruzar estas abordagens numa pesquisa mista, talvez signifique aumentar o alcance da área objetivada.

Para Roberto Hernández Sampieri e colaboradores (doravante, Sampieri), em seu *Metodologia de pesquisa*, a noção de que estas abordagens são opostas e não conciliáveis deve ser superada em prol de uma ideia de complementaridade, ainda que reconhecendo suas peculiaridades. Se no passado apenas o processo quantitativo era equiparado ao método científico, hoje, ambos os procedimentos são considerados formas de se fazer ciência e produzir conhecimento. Assim, a meta principal dos estudos quantitativos é a construção e demonstração de teorias, utilizando-se da lógica e raciocínio dedutivo. Desenvolver uma teoria consistente com a realidade observada, contudo, é também parte do objetivo de uma pesquisa qualitativa. Mas nesse caso, o pesquisador começa examinando o mundo social, numa lógica indutiva, com a qual passa a *construir* a teoria a partir dos dados coletados ou do próprio resultado do estudo.²²

Dentro do contexto da pesquisa científica, o surgimento da GT ocorreu sob o predomínio da pesquisa *quantitativa*, em parte como uma reação, a partir da obra *The Discovery of Ground Theory: strategies for qualitative research* (1967), dos sociólogos Barney Glaser e Anselm Strauss, que defendiam o desenvolvimento de teorias sustentadas por pesquisas

²¹ SAMPIERI et al. *Metodologia da Pesquisa*. 5.ed. Porto Alegre: Penso, 2013, p. 30, 33.

²² SAMPIERI et al, 2013, p. 42, 44.

baseadas em dados, em vez da dedução de hipóteses analisáveis com base em teorias existentes. No início dos anos 1960, estes autores conduziram um estudo sobre a experiência de morrer, culminando em seu livro *Awareness of dying*²³ e subsequentemente na obra lançada em 1967, considerada o marco histórico da GT, que atualmente, apresenta-se como o método de pesquisa qualitativa mais utilizado e popular em uma ampla gama de disciplinas e áreas temáticas, com inúmeros doutorandos tendo concluído seus estudos utilizando este método.²⁴

O tema central da obra *The Discovery of Grounded Theory*, e também seu objetivo, é a descoberta da teoria a partir dos dados, sistematicamente obtidos e analisados na pesquisa social, como nos informam os autores, para quem este procedimento chamado por eles nesta obra de *grounded theory*, seria uma tarefa importante ao confrontar a sociologia de então, pois, como tentariam mostrar, “tal teoria se ajusta a situações empíricas e é compreensível para sociólogos e leigos”. Embora a ênfase da GT estivesse na geração da teoria em vez de sua verificação ou aplicação, deveria haver o cuidado “para não divorciar essas duas atividades, ambas necessárias ao empreendimento científico”. Apesar de dirigido principalmente a sociólogos, o método poderia ser útil a qualquer um que estivesse interessado em estudar “fenômenos sociais – políticos, educacionais, econômicos, industriais ou qualquer outra coisa, especialmente baseados em dados qualitativos”.²⁵

A ideia básica, portanto, era estabelecer um ajuste adequado aos dados, utilidade, densidade conceitual, durabilidade ao longo do tempo, ser passível de alterações e apresentar poder explicativo.²⁶ No texto inaugural, a GT aparece como um método geral de análise comparativa e um conjunto de procedimentos capazes de gerar uma teoria fundamentada em dados²⁷, razão pela qual é citada frequentemente como método comparativo constante, em que “as proposições teóricas surgiriam dos dados

²³ GLASER, B; STRAUSS, A. *Awareness of dying*. Chicago: Aldine, 1965.

²⁴ BRYANT, A; CHARMAZ, K. Introduction. In: _____ (eds.). *The SAGE Handbook of Grounded Theory*. London: SAGE Publications, 2007, p. 1.

²⁵ GLASER; STRAUSS, 1967, p. vii-viii.

²⁶ CHARMAZ, K. *A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009, p. 19.

²⁷ GLASER; STRAUSS, 1967, p. 1-18.

obtidos na pesquisa, mais do que dos estudos anteriores”. Além disso, a GT é “especialmente útil quando as teorias disponíveis não explicam o fenômeno ou a formulação do problema”.²⁸

Em relação às posturas filosóficas e à formação dos autores, a GT resulta da combinação de duas tradições disciplinares divergentes: do interacionismo simbólico (Anselm Strauss) e da estatística positivista (Barney Glaser). O primeiro, influenciado pelo pragmatismo da Escola de Chicago com longa tradição de pesquisa qualitativa, é admirador das ideias de Robert E. Park, W. I. Thomas, John Dewey, G. H. Mead, Everett Hughes e Hebert Blumer, inspirando-se no interacionismo e no pragmatismo. O segundo, da Universidade de Columbia, foi influenciado por Paul Lazarfelds, conhecido como inovador dos métodos quantitativos.²⁹

Do ponto de vista operativo, o processo de pesquisa da GT não segue uma sequência linear dos métodos qualitativos. Sua dinâmica apresenta uma interdependência e encadeamento das fases de tal forma que os procedimentos se dão simultaneamente. Neste processo, destacam-se três etapas: a amostragem teórica, a codificação e os resultados da pesquisa. Em relação à amostragem, os dados podem vir tanto da coleta de dados em campo, como da coleta bibliográfica de dados sobre um determinado tema. Neste último caso, trata-se de *metadados* para o pesquisador. Nessa direção, particularmente, fazemos uma distinção entre a ideia de uma objetividade mais consistente a partir de dados bibliográficos, usados por um determinado pesquisador, e dados “construídos” em campo, questão explorada na última seção.

A codificação, segunda etapa do processo metodológico da GT, é o cerne deste método. Refere-se especificamente aos procedimentos usados para conceituar e analisar os dados de campo ou bibliográficos coletados na primeira etapa. Esta fase analítica é marcada por comparações constantes entre os achados da pesquisa. Segundo Charmaz, “a utilização do método comparativo constante” é um componente determinante da prática da GT, compreendendo a elaboração de comparações durante

²⁸ SAMPIERI et al, 2013, p. 498.

²⁹ STRAUSS, A; CORBIN, J. *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da pesquisa fundamentada*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 22-23; BRYANT; CHARMAZ, 2007, p. 32.

cada etapa da análise.³⁰ Dentro das versões mais conhecidas da GT, os procedimentos de codificação são conhecidos como: codificação aberta/inicial, codificação axial e codificação seletiva/teórica, que são formas distintas de análise de dados e não etapas nitidamente demarcadas.

De acordo com Sampieri, a codificação aberta é responsável pela criação das categorias iniciais de significado, eliminando redundância, desenvolvendo evidência para as categorias e elevando seu nível de abstração. Além disso, utiliza-se subcategorias que fornecem detalhes (propriedades e dimensões) de cada categoria gerada a partir dos dados em análise. Trata-se, portanto, do momento em que rotulamos os dados, utilizando-se para isto, além da operação básica da comparação constante, o emprego de perguntas-chave que orientam a identificação de similaridades e diferenças entre os achados da pesquisa, os quais formam as categorias por agrupamento de semelhanças.³¹ Segundo Strauss e Corbin, que trabalham com estes procedimentos, a aplicação deste tipo de codificação pode ser realizada por análise detalhada linha por linha, sendo o mesmo processo utilizada para uma palavra, uma frase ou um parágrafo. Ainda segundo estes autores, chamado de microanálise, este procedimento é necessário no começo de um estudo para gerar as categorias iniciais e sugerir relações entre elas.³²

A codificação axial, seguindo a formulação de Strauss e Corbin, “é o processo de relacionar categorias às suas subcategorias. É chamado de ‘axial’ porque ocorre em torno do eixo de uma categoria, associando categorias ao nível de propriedades e dimensões”. O objetivo desta codificação é “começar o processo de reagrupamento dos dados que foram divididos durante a codificação aberta”.³³ Assim, o pesquisador seleciona a que considera mais importante e a coloca no centro do processo que está sendo investigado. De acordo com Sampieri, esta categoria central relaciona-se com outras categorias que por sua vez possuem diferentes funções no processo, dentre as quais destacam-se as condições causais (categorias que influenciam e afetam a categoria central); as condições

³⁰ CHARMAZ, 2009, p. 19.

³¹ SAMPIERI et al., 2013, p. 499.

³² STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 65-66.

³³ STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 123-124. Derivamos daqui a sugestão para uma GT na CR enquanto *método axial*.

contextuais (categorias que fazem parte do ambiente ou situação e que delimitam a categoria central, que pode influenciar qualquer categoria, incluindo a principal); e as consequências (categorias que surgem de ações e interações e do emprego de estratégias).³⁴

Na codificação seletiva, terceiro momento deste processo de análise, acontece a integração e refinamento das categorias em um nível ainda mais abstrato da pesquisa até a saturação teórica, que consiste no estágio de desenvolvimento da categoria em que não surgem novas propriedades, dimensões ou relações durante a análise. A partir deste ponto, o pesquisador apresenta retrospectivamente a investigação de maneira analítica, passando da descrição para a conceitualização, até validar a categoria central, que tem a propriedade de ser tanto recorrente nos dados quanto de reunir outras categorias e subcategorias em torno de si.³⁵ Como podemos observar, esta fase de codificação de dados se assemelha a uma sucessão de reduções analíticas até o ponto em que emerge algumas categorias-chave, que por sua vez passam a gravitar a categoria central. Esta, em última análise, fornece a base explicativa para a questão que a proposição teórica pretende, enfim, responder.

Neste ponto, a partir dos instrumentos e dados analisados, chega-se a terceira e última fase, isto é, o estabelecimento da proposição teórica. Assim, durante o processo de investigação, o pesquisador construiu e fez uso de várias ferramentas analíticas, como as descritas anteriormente, que indicaram as relações entre a categoria central e as subcategorias, criando as condições para a elaboração de uma descrição analítica global que é a base da proposta teórica de um trabalho científico. As definições dos conceitos e das linhas centrais de desenvolvimento do trabalho, uma vez seguindo as recomendações da GT, tendem garantir a validade, confiabilidade e credibilidade da análise dos dados e proposição teórica atingida.³⁶

Desde a introdução da GT, a metodologia divergiu em três escolas de pensamento discerníveis, ou versões: Escola Clássica, que está associada a Barney Glaser (Glaseriana); Escola Sistemática, associada a Anselm Strauss e Juliette Corbin (Straussiana); Escola Construtivista,

³⁴ SAMPIERI et al., 2013, p. 499.

³⁵ STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 143-149.

³⁶ CHARMAZ, 2009.

que tem início no trabalho de Kathy Charmaz (Charmaziana). Quando Glaser e Strauss apresentaram a GT, ela tinha um único desenho; mas os dois autores tiveram divergências conceituais, o que fez surgir duas vertentes da GT: sistemática e emergente (ou clássica). A primeira, se baseia nas condutas estabelecidas por Anselm Strauss e Juliet Corbin, na obra *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*, publicada originalmente em 1990, ressaltando o uso de alguns passos na análise dos dados a partir das codificações aberta, axial, seletiva.³⁷

Dois anos mais tarde, a segunda vertente ou conceito proveniente da GT, surgia como uma resposta de Glaser para Strauss e Corbin (1990), em sua obra *Basics of grounded theory: emergence versus forcing*, publicada em 1992.³⁸ Ainda de acordo com Sampieri, Glaser criticou os outros dois autores por darem muito valor às regras e aos procedimentos para a geração de categorias, “dizendo que a ‘armadura’ que seu procedimento quer desenvolver (diagrama ou esquema fundamentado em uma categoria central) é uma forma de preconceber categorias”, e que tal finalidade seria mais verificar uma teoria do que propriamente gerá-la³⁹, contradizendo os princípios fundamentais da Grounded Theory.⁴⁰

Numa obra posterior, *Doing quantitative grounded theory*⁴¹, Glaser insiste na importância de que a teoria surja dos dados mais do que de um sistema de categorias prefixados como acontece com a codificação axial. Ao contrário de sua versão emergente, em que a codificação é aberta e é dela que surgem as categorias (pelo método comparativo constante), que são conectadas entre si, para construir a teoria, a qual nasce dos próprios dados, não sendo, portanto, forçada em categorias preconcebidas.⁴² Apesar das várias restrições de Glaser, para Charmaz, a versão sistemática

³⁷ SAMPIERI et al., 2013, p. 498.

³⁸ GLASER, B. *Basics of grounded theory: emergence vs. forcing*. Mill Valley, CA: Sociology Press, 1992.

³⁹ SAMPIERI et al., 2013, p. 502.

⁴⁰ CHARMAZ, 2009, p. 23. Para uma introdução atualizada sobre a versão clássica da GT, ver HOLTON, J. A.; WALSH, I. *Classic Grounded Theory: applications with qualitative and quantitative data*. Los Angeles: SAGE Publications, 2016.

⁴¹ GLASER, B. *Doing quantitative grounded theory*. Mill Valley, CA: Sociology Press, 2008.

⁴² SAMPIERI et al., 2013, p. 502.

anunciada por Strauss e Corbin em 1990 trata-se de um “enunciado vigoroso do método e tem instruído estudantes de graduação em todo o mundo”.⁴³

Um terceiro desenho, mais recente, é o denominado construtivista e exemplifica este novo conceito as obras de Kathy Charmaz, Antony Bryant e Adele Clarke, especialmente em *A construção da teoria fundamentada*, publicada originalmente em 2006, que retoma os enunciados clássicos da GT e os reexamina, segundo a autora, através de uma lente metodológica deste século. Ainda conforme, Charmaz, embora nem sempre se pressuponha a construção de uma teoria explícita, o esquema analítico obtido é útil e representa uma contribuição significativa. Assim, os métodos da GT fornecem vantagem analítica para o trabalho, determinando descrições inquestionáveis e ajudando a torná-lo compreensivo e incisivo.⁴⁴

2. Termos técnicos da GT e sua interação com estudos de religião

Em *Grounded Theory*, de Steven Engler⁴⁵, encontramos importantes apontamentos que nos ajudam a situar nossa sugestão dentro de um contexto, como afirmamos, ainda pouco explorado em termos internacionais na Ciência da Religião, e muito mais ainda no Brasil. Além disto, *é um dos poucos trabalhos a trazer para a área a interação GT e estudo de religião, inclusive com indicações de caráter mais técnico do método*

⁴³ CHARMAZ, 2009, p. 23.

⁴⁴ CHARMAZ, K. Grounded theory: objectivist and constructivist methods. In DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. (Eds.). *Handbook of Qualitative Research*. 2nd ed. Thousand Oaks, CA: SAGE, 2000, p. 509–535; CHARMAZ, K. *Constructing grounded theory: a practical guide through qualitative analysis*. London: SAGE Publications, 2006.; BRYANT, A. Re-grounding grounded theory. *The Journal of Information Technology Theory and Application*, v. 4, p. 25–42, 2002; CLARKE, A. *Situational Analysis: grounded theory after the postmodern turn*. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 2005.

⁴⁵ Professor de *Religious Studies* (Mount Royal College, Calgary, Alberta, Canadá). O artigo foi publicado no *The Routledge Handbook of research methods in the study of religion*, do qual é coeditor, ao lado do também professor de *Study of Religion* da Universidade de Bergen, Noruega, Michael Stausberg.

aqui em consideração.⁴⁶ Assim, uma das primeiras anotações diz respeito aos três termos técnicos frequentemente utilizados na GT, para se referir a níveis cada vez mais abstratos e gerais de análise: 1) *códigos*: termos e frases que rotulam elementos de dados, sendo inicialmente descritivos e incipientemente interpretativos; 2) *conceitos*: construções que combinam características ou particularidades de um conjunto de códigos e, finalmente, 3) *categorias*: classes mais gerais que reúnem conceitos, com o último servindo efetivamente como propriedades do primeiro.⁴⁷

No que diz respeito aos conceitos-chave da GT, é preciso ter clareza quanto a cada um deles, condição necessária para que o método funcione como o previsto. Nesse sentido, o de maior relevância e consensual na literatura da GT é a *comparação constante*, que se estabelece durante todo o processo e de forma simultânea entre 1) dados, 2) dados e conceitos, 3) conceitos, 4) conceitos e categorias e entre 5) categorias. Esta característica é tão fundamental que o título inicial imaginado para obra de 1967, que inaugura a GT, era “Método comparativo constante”.⁴⁸ Assim, método comparativo constante é outro nome para a GT.⁴⁹ É a partir desse jogo de contraste permanente entre semelhanças e diferenças que se derivam os conceitos, os quais nos levam às principais categorias, todas fundamentadas em dados. Trata-se, portanto, do conceito central da GT.⁵⁰

Uma noção destacada no texto Grounded Theory está relacionada ao papel da revisão literária na GT. Para alguns, entre os quais o próprio Barney Glaser, o investigador “deveria (...) estudar uma área sem qualquer teoria preconcebida que dita, antes da pesquisa, ‘relevâncias’ de conceitos e hipóteses”. Por outro lado, “o pesquisador não aborda a realidade como

⁴⁶ ENGLER, 2011, p. 256-274.

⁴⁷ ENGLER, 2011, p. 257.

⁴⁸ MOERMAN, G. Grounded Theory. Research Methods and Statistics. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y6f1GHjD5JQ>. Acesso em: 20.05.2019.

⁴⁹ ENGLER, 2011, p. 257.

⁵⁰ É interessante observar aqui, e ao mesmo tempo comparar, o seguinte trecho de Max Müller sobre a importância deste princípio metodológico na obra inaugural da Ciência da Religião: “todo conhecimento superior é adquirido por comparação e repousa na comparação. Se se diz que o caráter da pesquisa científica em nossa época é preminentemente comparativo, isso realmente significa que nossas pesquisas agora se baseiam na mais ampla evidência que pode ser obtida, nas mais amplas induções que podem ser apreendidas pela mente humana”. MÜLLER, 1870, p. 3.

uma *tabula rasa*, devendo ter uma perspectiva que o ajude a ver dados relevantes e abstrair categorias significativas do escrutínio dos seus dados”.⁵¹ Por isso, a sugestão inicial era, tanto quanto possível, ignorar a literatura teórica e fatos sobre a área em estudo, a fim de assegurar que o surgimento de categorias não fosse contaminado por conceitos mais adequados a diferentes áreas, especialmente em áreas densamente teorizadas.⁵²

Em todo o caso, áreas com baixa teorização teria menos problemas pela ausência natural de literatura, o que justificaria facilmente uma pesquisa usando o método GT. Contudo, hoje admite-se, no geral, que a revisão da literatura é importante em todas as fases do processo de GT, com a distinção de que a leitura esteja limitada em um campo substantivo diferente daquele a partir do qual ocorra a realização da pesquisa, até que a análise esteja bem encaminhada: “Quando a teoria parece suficientemente fundamentada e desenvolvida, então revisamos a literatura no campo e relacionamos a teoria a ela”.⁵³

Nesse sentido, Glaser e Strauss propuseram o conceito de *sensibilidade teórica* (*Theoretical Sensitive*) para abordar essa questão problemática do lugar de teorias pré-existentes na GT. Assim, o pesquisador deve ser “suficientemente sensível em termos teóricos para conceituar e formular uma teoria conforme ela surge a partir dos dados”. O desenvolvimento da sensibilidade teórica se dá por meio do próprio processo de teorização. A ideia é que quando se teoriza, consegue-se chegar aos fundamentos e às abstrações, aprofundando-se cada vez mais na análise da experiência, que é o objeto em consideração. Assim, o conteúdo da teorização atinge a essência (leia-se, estrutura)⁵⁴ da vida estudada, propondo

⁵¹ GLASER; STRAUSS, 1967, p. 3; 33.

⁵² GLASER; STRAUSS, 1967, p. 37.

⁵³ ENGLER, 2011, p. 262.

⁵⁴ O termo *essência* costuma despertar controvérsias na CR. No contexto da Fenomenologia da Religião, segundo a professora da Universidade Federal de Juiz de Fora, Vitória Peres de Oliveira, *essência* também é entendida como *sentido* e *estrutura*, acrescentando ainda que diferentes autores de linha fenomenológica interpretam à sua maneira essa característica da fenomenologia filosófica de Edmund Husserl. Com isso, para a autora, muitas críticas à Fenomenologia da Religião por ser “essencialista” se esvaziariam ao não levar em conta as diversas abordagens e seus diferentes autores. OLIVEIRA, V. P. A Fenomenologia da Religião: temas e questões sob debate. In: DREHER, 2003, p. 56.

novos questionamentos a seu respeito.⁵⁵ Portanto, uma sensibilidade teórica bem desenvolvida se constitui em excelente pré-requisito para o reconhecimento da teoria que emerge dos dados. Contudo, é preciso ficar atento para não cair na tentação de *aplicar* ou *forçar* uma determinada teoria a esses dados. Ao contrário, a ideia básica é deixar que a teoria surja a partir dos dados e não o contrário.

Outra noção importante da GT é a *amostragem teórica* (*Theoretical Sampling*), que geralmente começa por um pequeno conjunto de materiais empíricos, retornando ao campo em vários estágios posteriores. Dados adicionais são acrescentados ao estudo através de amostragem teórica. Casos adicionais, amostras, entrevistas, documentos, etc. são selecionados com base no quadro teórico emergente. A amostragem teórica visa a construção de teoria – i. e., gerando e refinando conceitos e categorias – não a uma representatividade em relação a uma população predeterminada. Por exemplo, pode-se usar conceitos emergentes para refinar questões para outras entrevistas. Contudo, é preciso integrar os dados informados pela amostragem teórica para construir uma visão global do fenômeno estudado. Por isso considera-se os conceitos como sensibilizadores, pois trazem a ideia de que são temporários, provisórios, orientadores; desenvolvidos durante o processo da pesquisa para a formação de categorias originadas nos dados.⁵⁶

A GT também pode ser executada em conjuntos de dados completos, a exemplo dos bibliográficos, iniciando o processo de codificação com um subconjunto e prosseguindo em etapas para analisar o conjunto completo. Em ambos os casos, um novo material é adicionado e codificado à luz do trabalho conceitual emergente. O processo de teorização, portanto, restringe-se a uma “categoria central que organiza as outras categorias, resolvendo continuamente a principal preocupação”. Essa relação muito dinâmica entre coleta de dados e análise significa que é necessário um acesso consistente e contínuo ao campo onde se está observando, o grupo entre o qual se está entrevistando ou o corpus de textos que se está analisando.⁵⁷

⁵⁵ CHARMAZ, 2009, p. 185.

⁵⁶ ENGLER, 2011, p. 259.

⁵⁷ GLASER, B. Conceptualization: on theory and theorizing using grounded theory. *International Journal of Qualitative Methods*, v. 1, n. 2, p. 23–38, 2001, p. 30, apud ENLGER, 2011, p. 259.

A *saturação teórica* (*Theoretical Saturation*) determina o fim da coleta e da análise de dados, que é o ponto em que não surgem novas categorias ou conceitos, ou aqueles que simplesmente repetem os existentes: i. e., quando a teoria emergente muda pouco à medida que o pesquisador acrescenta e analisa mais material empírico. Assim, chega-se a um maior nível de refinamento dos conceitos e das categorias. Isso pode ser definido em termos da *intercambialidade de indicadores*, ou seja, o ponto em que os novos conceitos e categorias que estão surgindo são indistinguíveis em sua aquisição analítica daqueles já desenvolvidos. O conceito/construção de teoria continua até que esse processo se estabilize na teoria que é eficaz para explicar os temas e questões que foram revelados como significativos nos materiais empíricos.⁵⁸

Outra etapa fundamental da GT está relacionada aos memorandos, que auxiliam no agrupamento de conceitos e categorias hierarquicamente e em famílias, permitindo avaliar quais oferecem metaconceitos mais estáveis. À medida que o estudo progride, eles oferecem uma ferramenta-chave para avaliar até que ponto a coleta e codificação de dados é relativamente improdutiva, sinalizando assim o fim do processo. Os memorandos iniciais tendem a ser “redescritivos”. Os memorandos individuais devem ser datados e rotulados, com uma referência ao elemento de dados específicos (por exemplo, transcrição ou documento). O processo de GT é interativo, cíclico ou espiral, à medida que se move para frente e para trás, comparando dados, códigos, categorias e teoria emergente. Por isso, refletir esse trabalho conceitual dinâmico, ordenar e reorganizar os memorandos é um passo importante para o processo de escrita.⁵⁹

No tocante à GT no âmbito específico no estudo de religião, segundo Steven Engler, esta abordagem é pouco utilizada e conhecida dentro desta área, não sendo comum encontrarmos trabalhos nessa direção.⁶⁰

⁵⁸ ENGLER, 2011, p. 261.

⁵⁹ ENGLER, 2011, p. 260.

⁶⁰ Durante as pesquisas para este artigo e de um modo geral, não encontramos nada que certifique a existência de trabalhos no Brasil, utilizando efetivamente o método GT para abordar o objeto religião, sobretudo na CR. Contudo, somente após um levantamento rigoroso junto aos periódicos dos programas de pós-graduação da disciplina e também em banco de dados digitais atualmente disponíveis, teremos como conhecer esta situação.

Assim, o conjunto de observações que se seguem ajuda-nos a esboçar uma visão geral sobre a interface entre método e disciplina, aqui sugerida, na medida em que discute e aponta como relevantes algumas convergências interessantes que podem servir de trampolim para uma apropriação metodológica, posteriormente melhor equacionada por autores que se sintam estimulados e desafiados por esta possibilidade.

Nesse sentido, a primeira observação é a de que a GT pode ser uma escolha metodológica pertinente em três circunstâncias: 1) quando há pouca ou nenhuma literatura sobre casos relevantes semelhantes; 2) quando os conceitos/ teorias existentes parecem inadequados para aspectos do material em questão; ou 3) quando se deseja explorar a possibilidade de modos alternativos de conceituar um caso.⁶¹ Além disso, como já frisado, há relativamente poucos estudos que usam a GT para analisar fenômenos religiosos. Os escassos trabalhos identificados pelo autor apenas “apelam para a GT”, sem, contudo, efetivamente fazer GT, o que ilustra certos problemas e limitações em seu uso, sendo esta uma das tipificações apontadas, uma vez que, citando Marie Cornwall, editora do *Journal for the Scientific Study of Religion*, “muitos estudiosos não entendem o que constitui pesquisa qualitativa e, principalmente, Grounded Theory”.⁶²

Para Steven Engler, a função desse uso quase simbólico da GT parece ser que “uma referência passageira à GT é lida por alguns como uma justificativa para tipos mais genéricos de codificação ou construção de conceitos”. Contudo, o autor alerta: “apesar de ser, na maior parte, um gesto relativamente inofensivo, esse tipo de metonímia metodológica é enganosa: dá a impressão de que se está usando a GT quando não se está”. Assim, ao mesmo tempo que se escreve sobre a relação entre teoria e dados, informando o que se está de fato fazendo, se obscurece as características distintas da GT. Um segundo tipo de uso pouco claro da GT consiste em alegar seu uso quando, na verdade, se o faz parcialmente. Para o autor, “em alguns casos, é claro que os pesquisadores usaram, no máximo, certos elementos selecionados da GT”.⁶³

⁶¹ ENGLER, 2011, p. 256.

⁶² ENGLER, 2011, p. 267.

⁶³ ENGLER, 2011, p. 267.

Nesse sentido, segundo apresenta Strauss e Corbin na obra de 2008, um importante papel da GT é exatamente a sua utilização como um conjunto de ferramentas ou técnicas para facilitar a análise de dados, que pode ser utilizada de forma flexível, para a construção de proposições teóricas com fundamentação e densidade.⁶⁴ De modo que, a utilização da GT somente para a análise e interpretação dos dados não desqualificaria um trabalho que adota como processo investigativo esta abordagem, desde que esta análise seja conduzida tanto pelos referenciais teóricos estabelecidos desde sua fundação, quanto pela indicação explícita dos seus procedimentos. Como veremos a seguir, o próprio Steven Engler vincula esta condição a um trabalho de GT propriamente dito.

O fato é que, ainda segundo este autor, em termos restritos, o uso rigoroso da GT nos estudos de religião é extremamente raro, “e exemplos na sociologia da religião tendem a ser, no máximo, parciais nesse uso”. Para pesquisas sobre o objeto religião, a recomendação é que se use tal abordagem mais como uma “pitada de sal” e apenas indique este uso quando efetivamente assim for o caso. Nesse sentido, é de grande importância descrever este método em detalhes, e não apenas citar sua utilização de forma um tanto genérica, “como se isto fosse trazer algum tipo de ‘status’ para a pesquisa pela simples menção”. Este seria um dos critérios que garantiria ao trabalho uma avaliação pelo que de fato realiza nessa direção.⁶⁵

Em conclusão ao seu trabalho, o autor canadense lembra que, citando Judith Holton, existe um número crescente de teóricos que veem a GT não como um método de pesquisa qualitativa, mas como uma metodologia de pesquisa geral que ocupa seu próprio paradigma distinto no cenário da pesquisa, “transcendendo as fronteiras específicas dos paradigmas estabelecidos para *acomodar qualquer tipo de dado* originado e expresso através de qualquer lente epistemológica”.⁶⁶ E se por outro lado, lembra o autor, o processo próprio da GT é “demorado e cansativo, especialmente durante a imersão profunda nos dados necessários, nos

⁶⁴ STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 25-27.

⁶⁵ ENGLER, 2011, p. 268. HOLTON, J. A. The coding process and its challenges. In: BRYANT; CHARMAZ, 2007, p. 265,89.

⁶⁶ ENGLER, 2011, p. 268 (Ênfase nossa).

estágios iniciais da codificação e análise abertas, e durante as fases repetidas de coleta de dados que a amostragem teórica exige”, por outro, seu uso pode significar uma atividade criativa e de engajamento profissional, “em grande parte, precisamente, porque os resultados conceituais/ teóricos emergem por meio desse envolvimento intenso com os materiais”.⁶⁷

3. Interface entre CR e GT: convergências, desafios e possibilidades

De um ponto de vista estritamente técnico da pesquisa, podemos considerar religiões como dados. Pelo menos até o momento, não há conhecimento possível *compartilhável* que não tenha uma linguagem (um sistema) como meio de expressão desse conhecimento. É a linguagem na forma de “pacotes de dados” que nos permitem adquirir e *dividir* este conhecimento. Seguindo esta analogia, e guardada as devidas proporções, isto equivaleria ao que preconiza um dos fundadores da GT, o sociólogo Barney Glaser, em sua famosa frase “*all is data*”. Consequentemente, religiões inclusas nesse “*all*”. Assim, uma determinada manifestação religiosa poderia ser lida através destes “pacotes”, semelhantemente a um software operando a “quebra” de uma mensagem qualquer de correio eletrônico em partes menores (códigos), para somente depois remontá-la ao destinatário final, de forma inteligível (decodificada).

De modo que, ainda considerando esta analogia, o método GT faz algo muito parecido por meio das ferramentas que utiliza de maneira sistemática (perspectiva global), num processo de comparação constante (autocorretiva), em que cada dado coletado interage com outros em direção à sua descrição e análise, sendo esta uma das razões da popularidade deste método em diversas áreas, apontando para o fato de que isto tem funcionado no que diz respeito a proposições teóricas *substantivas* em setores vários no campo da pesquisa científica. Porque a Ciência da Religião, cujo objeto exclusivo de estudo é um dos mais significativos para história da humanidade, sendo abordado ao mesmo tempo por diversas áreas do conhecimento, estaria ou deveria estar aquém desta aplicação?

⁶⁷ ENGLER, 2011, p. 269.

Massimiliano Tarozzi, em seu *O que é Grounded Theory?*⁶⁸ afirma que a razão de ser deste método está exatamente na possibilidade de construir categorias analíticas a partir dos dados de um determinado *ground* que respeita o fenômeno ao seguir as indicações que provêm dele. Além disso, a possibilidade de conjugar pesquisa empírica com reflexão teórica é outra vantagem apontada. E aqui, já entraríamos no campo das convergências, uma vez que a CR se estabeleceu através dos pilares histórico-sistemático.⁶⁹ Assim, partindo deste conhecimento básico sobre GT, além desta discussão inicial e da situação geral deste método, com uso muito tímido por estudos que abordam o objeto religião, aparentemente inexistentes na CR, especialmente no Brasil, passamos a considerar algumas convergências entre o método e a disciplina, em conjunto com alguns desafios inerentes a uma apropriação metodológica, embora sempre conscientes de que uma tal interface deva ser o resultado de um trabalho reflexivo conjunto sobre a ideia em si, conseqüentemente, demandando novas abordagens sobre o tema e constantes “atualizações”.

Para além do aspecto mais evidente de tanto no método quanto na disciplina haver uma tendência à interdisciplinaridade, especialmente na CR com a possibilidade até mesmo de uma transdisciplinaridade do ponto de vista metodológico, há três convergências que nos interessa destacar neste artigo. A primeira delas e a mais significativa, a partir da qual podemos explorar esta interação, está relacionada à técnica de comparação constante da GT, que é característica nativa e fundamental na CR, embora empregada na GT de maneira sistemática em conjunto com outras ferramentas de análise. Nesse sentido, poderíamos sugerir que uma assimilação desse conjunto de técnicas da GT pela CR significaria uma atualização daquela preocupação inicial acerca deste princípio metodológico.

Devemos recordar que tal direção já estava apontada na obra “inaugural” da disciplina, *Introduction to the Science of Religion*, de F. Max

⁶⁸ TAROZZI, 2011, p. 13

⁶⁹ Para este tema, ver WACH, Joachim. The History of Religions: theoretical prolegomena to its foundation as a scholarly Discipline. In: _____. *Introduction to the history of religions*. Edited by Joseph M. Kitagawa and Gregory D. Alles, with the collaboration of Karl W Luckert. New York: Macmillan Publishers, 1988; HOCK, Klaus. *Introdução à Ciência da Religião*. São Paulo: Loyola, 2010.

Müller, considerada por Eric Sharpe como um *documento de fundação*⁷⁰ da CR, cuja memorável frase do filólogo alemão, naquele ano de 1870, já trazia a comparação enquanto condição necessária para um estudo científico do objeto religião: “Quem conhece uma [religião], não conhece nenhuma”.⁷¹ Portanto, a comparação é a pedra de toque tanto para o método que a toma como condutora de todo um processo de geração de teoria, quanto para a disciplina, que a emprega enquanto princípio orientador para suas descrições, sendo em ambos os casos, uma característica genética e longeva.

A segunda convergência que aponta para esta aproximação entre GT e CR, tem a ver com a ideia de *epoché* (suspensão do juízo)⁷², que é amplamente aceita como uma das características da CR, geralmente empregado sob o termo “agnosticismo metodológico”.⁷³ Na GT, esta não só é uma preocupação presente desde o texto fundador de Glaser e Strauss, como um dos principais pontos de discussão até hoje dentro das formulações internas do próprio método, estando diretamente relacionada ao sensível tópico da “suspensão dos juízos de valores” envolvidos no processo, e na discussão sobre o lugar e o papel de teorias anteriores, como observado.⁷⁴ Aqui, a ideia de “agnosticismo metodológico” também está em consonância com a GT. Além disso, estreitamente ligada a esta questão, logo se impõe outro controverso tema: a objetividade de uma pesquisa que resultaria numa teoria que deve emergir de dados, preferencialmente e idealmente, sem os “pré-juízos” e vieses do pesquisador. Portanto, a *epoché* é outro forte ponto de contato entre método e disciplina aqui abordados.

⁷⁰ SHARPE, 1986, p. 31.

⁷¹ MÜLLER, 1870, p. 5.

⁷² Convém lembrar que o princípio da *epoché*, trabalhado na obra de Edmund Husserl a partir da virada fenomenológica na filosofia, além da própria redução *eidética*, já aparece como condição para um estudo científico de religião, na obra inaugural da Ciência da Religião *Introduction to the Science of Religion*, de Max Müller, publicada em 1870.

⁷³ Refere-se à exclusão de juízos de valor sobre verdadeiro e falso, nos estudos em Ciência da Religião. O termo foi cunhado por Ninian Smart em seu *The science of religion and the sociology of knowledge* (Princeton: Princeton University, 1973, p. 54-58), como sendo o mais adequado entre posturas religiosas dogmáticas e teorias científicas de negação desses postulados.

⁷⁴ Segundo TAROZZI, 2011, p. 169, na GT, a *epoché* se aplica, por exemplo, na literatura existente, para assumi-la sem condicionar o olhar sobre a realidade empírica.

A terceira convergência está relacionada à indicação do uso da GT para analisar uma área *substantiva*, dentro de um determinado fenômeno. Para a CR, sobretudo na pesquisa empírica do objeto religião, isto é, suas manifestações concretas (religiões), isto significaria, um vasto campo para teorização em várias dessas áreas. Por exemplo, gerar teorias a partir dos assim chamados novos movimentos religiosos, derivados seja por justaposição ou aglutinação de doutrinas; seja por sectarização a partir de crenças diversas, etc. Aqui, a vantagem do uso dos processos técnicos da GT estaria no estabelecimento de teorias ou proposições teóricas de pequeno e médio porte, que é o objeto da GT, que também admitia em sua versão clássica a formulação até mesmo de teorias formais, partindo de um conjunto de teorias de médio alcance já relativamente consolidadas. E aqui, passamos a considerar os possíveis desafios que resultariam de uma apropriação da GT pela CR.

O primeiro deles é de ordem técnica e se relaciona diretamente à ideia de fazer da GT um *paradigma axial* para a CR, isto é, como indicamos anteriormente, usá-lo como vetor de organização interdisciplinar, submetendo os dados que são produzidos por outras disciplinas envolvida com a CR, ao processo sistematizante da GT, cujo objetivo final é gerar uma teoria substantiva. A GT enquanto *método axial* abriria a possibilidade para solucionar dificuldades encontradas numa polifonia metodológica, em cujo “teatro” a “cena” ocorre apenas entre disciplinas protagonistas, mas sem coadjuvantes e, principalmente, sem direção. Nesse sentido, analogamente ao entendimento de Strauss e Corbin sob a codificação axial, para a CR, o ‘axial’ seria exatamente o eixo pelo qual as contribuições de outras disciplinas, geralmente chamadas de auxiliares ou subdisciplinas, estariam submetidas a um processo de reagrupamento dos dados provenientes desse variado e às vezes complicado aporte e, sobretudo, sistematizados durante o processo de codificação aberta.

Mas na CR, poderia haver uma fundamental diferença para o funcionamento desta estrutura, caso o processo de coleta de dados partisse necessariamente de dados bibliográficos, isto é, dos resultados acabados (publicados) que as disciplinas auxiliares forneceriam sobre uma determinada área substantiva de pesquisa do objeto religião. Assim, um processo de GT na CR nesses termos preservaria o “sabor” natural de cada contribuição, ao mesmo tempo em que usaria os dados saturados da

própria pesquisa original, mas já operando dentro desse esquema axial no âmbito e propósitos da CR. Obviamente, um tal arranjo precisaria de muita discussão e reflexão. Primeiramente, em torno da própria possibilidade; depois, das convergências aqui apontadas e dos desafios inerentes ao caso, para só então sair dessa condição hipotética e embrionária, em direção às suas primeiras versões “beta”, com muitas atualizações nesse horizonte, até uma efetivação enquanto *método axial* para a CR. Estamos falando de anos, talvez décadas, mas certamente longe de um sesquicentenário, como o que comemora a CR em 2020.

Outro desafio tem a ver com a possibilidade de relativismo extremo na linha construtivista do método.⁷⁵ Nessa perspectiva, nem dados nem teorias são descobertos, contrariamente ao entendimento de Glaser, para quem os modelos estruturais latentes emergem, teoricamente isentos de interferências externas. Para Charmaz, somos parte do mundo o qual estudamos e dos dados os quais coletamos. Assim, nós construímos a GT pelo envolvimento e da interação com pessoas. Trata-se de construções da realidade; um retrato interpretativo do mundo estudado, e não um quadro fiel dele. Além disso, um número cada vez maior de estudiosos “tem afastado a teoria fundamentada do positivismo, tanto na versão do método apresentado por Glaser como na versão de Strauss e Corbin.⁷⁶ Neste ponto, embora admitindo que a construção ocorra, para Tarozzi, ela deve seguir dentro de limitações que os próprios dados impõem.⁷⁷ Além disso, ao lidar com estruturas, o pesquisador não poderia criá-las propriamente, mas apenas reconhecê-las, encontrando um nome para fazer jus a elas, isto é, codificá-las.

Embora de cunho filosófico, no que diz respeito à ontologia dos dados (se objetivista ou construtivista), esta questão inevitavelmente seria enfrentada pela CR numa eventual apropriação da GT enquanto *método axial*. Contudo, em se tratando de dados bibliográficos, ou metadados, isto é, provenientes de textos prontos ou obras acabadas e publicadas, este construtivismo que postula dados como uma coprodução dos agentes da pesquisa não ocorreria, evitando com isso a ideia de um relativismo

⁷⁵ CHARMAZ, 2000; 2006; 2009.

⁷⁶ CHARMAZ, 2009, p. 23-25.

⁷⁷ TAROZZI, 2011, p. 124.

e ceticismo extremo no que diz respeito à validade e solidez das proposições teóricas decorrentes, especialmente quando um relativismo extremo renuncia a qualquer critério de verdade e falsidade, rejeitando igualmente a importância de fundamentos objetivos. Mesmo o conhecimento atual, científico ou ordinário, sendo historicamente contingente e provisório, “não nos autoriza a afirmar o que quisermos e, em seguida, pedir para que seja levado a sério”, existindo “normas indispensáveis de objetividade e de razão que são a base para a formação de todo o comportamento social humano”.⁷⁸

Derivado dessa discussão em torno do princípio relativista aplicado à GT em sua versão construtivista, Steven Engler nos apresenta outro desafio, agora de ordem epistemológica, partindo de um contexto filosófico-semântico. Trata-se de um problema relacionado ao processo de *codificação*, em certa medida de “tradução”, que é um procedimento fundamental não só da GT, mas do próprio conhecimento. Assim, dado que todo o trabalho de construção de teoria e conceito da GT é baseado num processo de codificação, e dado que diferentes esquemas de codificação resultariam em teorias diferentes, o fato de uma teoria ser fundamentada não significa que ela seja única. Isto quer dizer que diferentes pesquisadores poderiam produzir teorias não equivalentes usando o mesmo método GT a partir de um mesmo conjunto de dados. O que também nos obriga a perguntar como podemos argumentar que qualquer teoria é mais confiável, informativa ou verdadeira do que qualquer outra. Este autor ainda nos lembra que o próprio Glaser reconheceu que, com diferentes pesquisadores envolvidos, “a codificação varia sobre os mesmos dados”.⁷⁹ Portanto, temos aqui um reconhecimento de que no tratamento dos dados coletados haveria uma coprodução, como defende Charmaz.

Contudo, isto ainda não significaria dizer, necessariamente, que os dados seriam totalmente construções, como observado por Tarozzi e Glaser anteriormente; ou que não são objetivos. Esta constatação diz mais sobre a técnica utilizada (codificação/tradução) e menos sobre os dados em si. Não ser suficientemente capaz de apanhá-los em suas estruturas

⁷⁸ JENSEN, J. S. Epistemologia. *Rever*, v. 13, n. 02, jul./dez, 2013, p. 176.

⁷⁹ ENGLER, 2011, p. 266

de funcionamento, sem interferência do coletor, em última instância, não invalida a ideia de dados objetivos. Além disso, esta constatação seria aplicável apenas sobre dados provenientes do campo (etnografia, entrevistas, observação, etc.). Para metadados (pesquisa exclusivamente bibliográfica), que por sua natureza são objetivos para o pesquisador que os analisa, não haveria esta coprodução. E a “infinidade” de conjuntos distintos de códigos produzidos a cada novo pesquisador, estaria condicionada ao escopo bibliográfico analisado, orientado pela pergunta de pesquisa. Assim, dentro dessa estrutura e em razão dos *metadados* sempre serem os mesmos para qualquer pesquisador, a teoria apresentaria um elevado padrão de consistência para todos os casos que seguissem globalmente o método GT.

Saindo destas questões epistemológicas de fundo, passemos a considerar as possibilidades vislumbradas a partir do uso GT como método axial para a CR. Nesse caso, haveria um enorme potencial relacionado à Ciência da Religião Aplicada.⁸⁰ Por exemplo, instituições de qualquer natureza poderiam estar interessadas na descoberta ou geração de teorias sobre o objeto religião que fornecessem elementos fundamentais para a tomada de decisões importantes em áreas substantivas de sua atuação. Aqui, a figura de um cientista da religião produzindo teorias aplicáveis traria qualidade profissional para a área, bem como proveria instituições (religiosas ou não) com abordagens sobre qualquer elemento substantivo nesse sentido, sobretudo a partir de uma postura acadêmica (*outsider*), não “religionista” (*insider*)⁸¹, e de suspensão de juízos (*epoché*). Assim, um determinado sistema religioso, interessado nos rumos de seu segmento, poderia se beneficiar de um trabalho científico a partir da geração

⁸⁰ Para este tema, ver TWORUSCHKA, U. Ciência Prática da Religião: considerações teóricas e metodológicas. In: PASSOS; USARSKI, 2013, p. 577-588, em diálogo com USARSKI, F. O pesquisador como benfeitor? Reflexões sobre os equívocos da ciência prática da religião e sua alternativa. In: STERN, F. L. *Anais do Seminário de Ciência da Religião Aplicada*. 2. ed. São Paulo: PUC-SP, 2018, p. 12-27.

⁸¹ Para a questão *insider/outsider* ver: MACCUTHEON, R. T. (ed.). *The insider/outsider problem in the study of religion: a reader*. London: Continuum, 1999; JENSEN, J. S. Revisiting the insider-outsider debate: dismantling a pseudo-problem in the Study of Religion. *Method and Theory in the Study of Religion*, Leiden, vol. 23, 2011, p. 29-47; GARDINER, M. Q; ENGLER, S. A filosofia semântica e o problema insider/outsider. *Rever: Revista de Estudos da Religião*, São Paulo; vol. 10, 2010, p. 89-105.

ou descoberta de uma teoria substantiva, de pequeno e médio porte, para compreender, explicar e até antever determinados processos inerentes ao caso.

Outras duas vantagens podem ser consideradas neste momento. Primeiro, teríamos na GT um uma excelente ferramenta capaz de conduzir nesse horizonte sugerido a própria ideia de integração metodológica vigente. Depois, e como consequência do primeiro, haveria uma elevação na qualidade do capital bibliográfico da disciplina, além de uma maior inserção na sociedade de uma forma mais ampla, como aquela reclamada por Hanegraaff⁸², considerando a importância que o objeto religião tem para a humanidade. Portanto, uma vez corroborado na prática o uso da GT na CR como *método axial*, poderíamos sair da discussão metodológica para um protagonismo teórico; de trabalhos mais descritivos ou dotados de grande poder subjetivo, para uma produção acadêmica mais analítica e propositiva, com a geração ou descoberta de teorias a partir de dados, inclusive com a possibilidade de tonar-se posteriormente em algo mais amplo, como defendiam Glaser e Strauss na obra inaugural da GT: “Uma teoria em um nível conceitual, no entanto, pode ter implicações e relevância gerais importantes e tornar-se quase automaticamente um ponto de partida ou trampolim para o desenvolvimento de uma teoria formal fundamentada”.⁸³

Considerações finais

Um dos pontos relevantes a ser resgatado neste momento diz respeito ao que temos apresentado aqui como *método axial* a partir de *metadados*, isto é, a pesquisa que parte de dados bibliográficos publicados, consequentemente inalterados e imutáveis para o pesquisador. De modo que, mesmo uma GT partindo da pesquisa de campo, ao final, sempre fica estabelecido um texto a partir do qual a análise ocorreria, havendo, portanto, a transformação em texto de determinada experiência ou fenômeno, que é o eventual objeto de pesquisa. Trata-se de uma redução,

⁸² HANEGRAAFF, 2019, p. 1-11.

⁸³ GLASER; STRAUSS, 1967, p. 79.

na medida em que na GT qualquer objeto de pesquisa vira texto pela necessidade de codificação inerente ao método. Assim, ao se dar por concluído um determinado trabalho, que provavelmente será publicado, este seria talvez o melhor ponto de partida para a CR usar a GT. Em outras palavras, as disciplinas auxiliares, que integram o ramo empírico da CR, garantiriam ao seu ramo sistemático/teórico um material qualificado na forma de *metadados*, que através da GT enquanto *método axial*, seriam tratados e agrupados para a descoberta ou geração de uma teoria substantiva do objeto religião.

Mas uma GT que apenas usa *metadados* estaria isenta daquele primeiro momento de coleta, marcado pela observação etnográfica e entrevistas qualitativas, isto é, pesquisa de campo. Nesse caso, ela já começaria no próximo nível, que é o tratamento dos dados (na forma de documentos) e análise de texto. A pergunta que podemos e devemos fazer aqui é: continuaria sendo GT por não coletar dados da forma tradicional dentro da pesquisa qualitativa? Para Tarozzi e Glaser sim, na medida em que para este último “*all is data*” e, para o primeiro, uma bibliografia corresponde ao “campo” onde podemos “interrogar livros como se fossem participantes da pesquisa”.⁸⁴ Além disso, corroborando esta linha de raciocínio, segundo Tarozzi, a GT não dá indicações específicas para a coleta de dados, pelo contrário, por ser um método eminentemente de *análise* de dados qualitativos, “sua contribuição original é ligada principalmente às práticas *analíticas*”.⁸⁵

Devemos também considerar que, embora nesse caso partamos de dados bibliográficos já disponíveis sem a intervenção direta do pesquisador, o processo conduzido tanto na observação etnográfica quanto nas entrevistas seria perfeitamente aplicável aos “livros participantes”, devendo nesse caso, focalizar a “observação” apenas naquilo que está relacionado à pergunta de pesquisa e não na descrição do contexto, tendo em vista que a ideia é produzir conceituações dos processos em exame, mais do que descrições detalhadas, concentrando-se naquilo que pode responder à pergunta de pesquisa e seus desdobramentos.⁸⁶ Temos aqui,

⁸⁴ TAROZZI, 2011, p. 119.

⁸⁵ TAROZZI, 2011, p. 110 (Ênfase nossa).

⁸⁶ TAROZZI, 2011, p. 111

em outras palavras, um critério de orientação de escopo bibliográfico, com aqueles aspectos que deverão ser analisados e colocados em foco, para fazer emergir categorias e conceitos. O mesmo ocorrendo numa “entrevista” ou “leitura focalizada” em busca de categorias-chave. A “desvantagem” aqui é que os “livros participantes” não tiram dúvidas nem interagem construtivamente com o pesquisador. Por outro lado, não mudam de opinião sob esta mesma interação.

Como ficou demonstrado, a GT é um método geral de “código fonte” aberto, característica esta já prevista por seus criadores. Esta é a razão pela qual diversas disciplinas promovem pequenos ajustes para seu uso na área de seus interesses. Isto quer dizer que, pela própria natureza dos processos que empregam na análise de um determinado problema, e a partir da sugestão de seu uso como *um método axial*, vieses próprios das disciplinas auxiliares que atualmente integram a CR, pelo menos em tese, poderiam ser *minimizados* ou até mesmo *dissolvidos* a partir da autóctone, rigorosa e simultânea sistemática em fluxo presente na GT, em sucessivas reduções. Para a Ciência da Religião, a busca pelo desenvolvimento de teorias encontraria uma resposta satisfatória ao promover, cientificamente fundamentada em dados empíricos, posteriormente *metadados*, o conhecimento específico que podemos derivar de seu objeto (religião). Além disso, metodologicamente, a CR mudaria de paradigma, transformando-se em uma referência relevante e necessária para qualquer estudo que pretendesse abordar o objeto desta ciência, a partir dos resultados obtidos nessa configuração.

Portanto, embora pouco utilizado no estudo de religião, e raramente na CR, fato este talvez atrelado mais à falta de conhecimento do método e de sua aplicação, entendemos que a GT apresenta grande potencial para esta disciplina ao fornecer instrumentos analíticos para a provisão de conceitos e teorias, condição necessária ao fazer científico. Ademais, como nos lembra Steven Engler, em texto aqui explorado, a GT parece particularmente útil para o estudo de religião, especialmente à medida que os pesquisadores se afastam de noções rígidas e preconcebidas sobre o que constitui dados “religiosos”, devendo também ser vista ao mesmo tempo como uma forma de avaliar até que ponto os quadros teóricos e as categorias de análise existentes são adequados aos materiais empíricos

que estudamos.⁸⁷ Sem de modo algum comprometer outros vieses na abordagem do objeto religião, talvez uma apropriação da GT pela CR forneça um ganho considerável para produção acadêmica da disciplina, em direção a um paradigma menos *descritivo e subjetivo*, para um mais *cientificamente propositivo*, inclusive com poder *explicativo*.

Referências

- BRYANT, A. Re-grounding grounded theory. *The Journal of Information Technology Theory and Application*, v. 4, p. 25-42, 2002
- _____; CHARMAZ, K. Introduction. In: _____ (eds.). *The SAGE Handbook of Grounded Theory*. London: SAGE Publications, 2007.
- CARMURÇA, M. *Ciências Sociais e Ciências da Religião*. Polêmicas e interlocuções. São Paulo: Paulinas, 2008.
- CHARMAZ, K. *Constructing grounded theory: a practical guide through qualitative analysis*. London: SAGE Publications, 2006.
- _____. Grounded theory: objectivist and constructivist methods. In DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). *Handbook of Qualitative Research*. 2nd ed. Thousand Oaks, CA: SAGE, 2000.
- _____. *A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- CLARKE, A. *Situational Analysis: grounded theory after the postmodern turn*. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 2005.
- CRUZ, E. R. da; MORI, G. de (Org.). *Teologia e Ciências da Religião: a caminho da maioria acadêmica no Brasil*. São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte, MG: Editora PUC Minas, 2011.
- _____. Estatuto epistemológico da Ciência da Religião. In: PASSOS, J. D; USASRKI. *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo. Paulinas/Paulus. 2013.
- DREHER, L. H. (org.). *A essência manifesta: a fenomenologia nos estudos interdisciplinares da religião*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2003.

⁸⁷ ENGLER, 2011, p. 269

- ENGLER, S. Grounded Theory. In: STAUSBERG, M; ENGLER, S. (eds.). *The Routledge handbook of research methods in the study of religion*. London; New York: Routledge, 2011.
- _____. Teoria da Religião Norte-americana: Alguns Debates Recentes. *Rever*, n. 4, p. 27-42, 2004.
- FILORAMO, G; PRANDI, C. *As Ciências das Religiões*. 5. Ed. São Paulo: Paulus, 2010.
- GASBARRO, N. M. Fenomenologia da Religião. In: PASSOS, J. D; USASRKI. *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo. Paulinas/ Paulus. 2013.
- GLASER, B. *Basics of grounded theory: emergence vs. forcing*. Mill Valley, CA: Sociology Press, 1992.
- _____. Conceptualization: on theory and theorizing using grounded theory. *International Journal of Qualitative Methods*, v. 1, n. 2, p. 23-38, 2001.
- _____. *Doing quantitative grounded theory*. Mill Valley, CA: Sociology Press, 2008.
- GLASER, B; STRAUSS, A. *Awareness of Dying*. Chicago: Aldine, 1965.
- GLASER, B; STRAUSS, A. *The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research*. Chicago: Aldine, 1967.
- HANEGRAAFF, W. J. Imagining the future study of religion and spirituality. *Religion*, v. 50, n. 1, p. 1-11, 2019.
- HIGUET, E. A. Posfácio. In: SILVEIRA, E. S. da; MORAES JR; M. R. de. *A dimensão teórica dos estudos da religião*. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.
- HOCK, Klaus. *Introdução à Ciência da Religião*. São Paulo: Loyola, 2010.
- HOLTON, J. A. The coding process and its challenges. In: BRYANT, A; CHARMAZ, K. (eds.). *The SAGE Handbook of Grounded Theory*. London: SAGE Publications, 2007.
- _____; WALSH, I. *Classic Grounded Theory: applications with qualitative and quantitative data*. Los Angeles: SAGE Publications, 2016.
- JENSEN, J. S. Epistemologia. *Rever*, v. 13, n. 02, Jul/Dez, 2013, p. 171-191.
- KITAGAWA; Joseph M; STRONG, John S. Friedrich Max Müller and the Comparative Study of Religion. In: SMART, Ninian et al. *Nineteenth century religious thought in the West*. Vol. III. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 179-213.

- MOERMAN, G. Grounded Theory. Research Methods and Statistics. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y6f1GHjD5JQ>. Acesso em: 20.05.2019.
- MÜLLER, F. Max. *Introduction to the Science of Religion: four lectures*. Delivered at the Royal Institution in February and March 1870. London: Spottiswoode & Co, 1870.
- OLIVEIRA, V. P. *A Fenomenologia da Religião: temas e questões sob debate*. In: DREHER, L. H. (org.). *A essência manifesta: a fenomenologia nos estudos interdisciplinares da religião*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2003.
- PASSOS, J. D.; USASRKI, F. *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo. Paulinas/Paulus. 2013.
- _____. Introdução geral. In: _____ (Org.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo. Paulinas/Paulus. 2013.
- QUEIROZ, J. J. et al (Org.). *Religião, modernidade e pós-modernidade*. Interfaces, novos discursos e linguagens. Aparecida; SP: Ideias & Letras, 2012.
- SAMPIERI et al. *Metodologia da Pesquisa*. 5.ed. Porto Alegre: Penso, 2013.
- SHARPE, Eric J. *Comparative religion: A history*. 2.ed. London: Duckworth, 1986.
- SILVA, A. R. C. da; DI STEFANO, R. (org.). *História das religiões em perspectiva: desafios conceituais, diálogos interdisciplinares e questões metodológicas*. Curitiba: Editora Prismas, 2018.
- SILVEIRA, E. S. da (org.). *Como estudar as religiões: metodologia e estratégias*. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes, 2018 (Grifo nosso).
- _____; MORAES JR; M. R. de. *A dimensão teórica dos estudos da religião*. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.
- SMART, Ninian. *The science of religion and the sociology of knowledge: some methodological questions*. Princeton: Princeton University, 1973.
- STAUSBERG, M; ENGLER, S. Introduction. Research methods in the study of religion. In: _____ (eds.). *The Routledge handbook of research methods in the study of religion*. London; New York: Routledge, 2011.
- STRAUSS, A.; CORBIN, J. *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da pesquisa fundamentada*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

- TAROZZI, M. *O que é Grounded Theory? Metodologia de pesquisa e de teoria fundamentada nos dados*. Petrópolis; RJ: Vozes, 2011.
- TEIXEIRA, F. (org.). *A(s) ciência(s) da religião no Brasil*. Afirmação de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2001.
- TWORUSCHKA, U. *Ciência Prática da Religião: considerações teóricas e metodológicas*. In: PASSOS, J. D; USARSKI, F. (Org.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo. Paulinas/Paulus. 2013, p. 577-588.
- USARSKI, F. O pesquisador como benfeitor? Reflexões sobre os equívocos da ciência prática da religião e sua alternativa. In: STERN, F. L. *Anais do Seminário de Ciência da Religião Aplicada*. 2. ed. São Paulo: PUC-SP, 2018, p. 12-27.
- _____. Os Enganos sobre o Sagrado – Uma síntese da crítica ao ramo “Clássico” da Fenomenologia da Religião e seus conceitos-chave. *Rever*, n. 4, p. 73-95, 2004.
- USARSKI, Frank. *Constituintes da Ciência da Religião: cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- _____. História da Ciência da Religião. In: PASSOS, J. D; USARSKI, F. (Org.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo. Paulinas/Paulus. 2013.
- USARSKI, Frank. O caminho da institucionalização da Ciência da Religião: reflexões sobre a fase formativa da disciplina. *Religião & Cultura*, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 11-28, 2003.
- WAARDENBURG, Jacques. *Classical approaches to the study of religion: aims, methods and theories of research*. Introduction and anthology. The Hague, Paris: Mouton & Co; 1973.

Submetido em: 28/02/2020

Aceito em: 29/06/2020